

13 REASONS WHY: na perspectiva da gestão escolar / coordenação pedagógica

13 REASONS WHY: in the perspective of school management / pedagogical coordination

Nadya Hoffmann Ribeiro¹
Sérgio de Freitas Oliveira²

RESUMO

O presente artigo analisa a série *13 Reasons Why* sob a perspectiva do gestor pedagógico, observando as ações que foram ou não tomadas pelo coordenador frente aos problemas apresentados por seus alunos. Busca também uma comparação entre os fatos ocorridos na série com casos reais e com a própria situação do *bullying* nos Estados Unidos, um problema que, a cada dia, gera mais incidentes, como o caso dos personagens Hannah, Alex e Tyler. O papel do coordenador pedagógico da série, Mr. Porter, também foi questionado à luz de autores que tratam sobre os deveres e as posições que um verdadeiro coordenador pedagógico deve ter. Por fim, este artigo busca fazer uma reflexão de ações que poderiam ter sido tomadas pela gestão para garantir um clima mais agradável na escola e que, possivelmente, poderiam ter impedido o desenlace dos acontecimentos.

Palavras Chaves: Gestão Pedagógica. *Bullying*. Análise Crítica. *13 Reasons Why*.

ABSTRACT

The present article analyses the series “13 Reasons Why” from the perspective of the pedagogical manager, looking for the actions that were, or not, taken by the coordinator in front of the problems presented by his students. It also searches for a comparison between the events occurring in the series and actual events, also the bullying situation in the United States, a problem that, each day, causes more incidents such as the case of Hannah, Alex and Tyler. The role of the pedagogical coordinator of the series, Mr. Porter, is also questioned in the light of authors who talk about the duties and positions that a true coordinator must have. Finally, this

¹ Aluna do 8º Período Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e-mail: nhoffmannndesign@gmail.com

² Professor Adjunto II da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Licenciado em Letras e em Pedagogia, Mestre em Linguística e Língua Portuguesa, e-mail: sergiofoliveira48@gmail.com

article seeks to reflect on actions that could have been taken by pedagogical management to ensure a more pleasant atmosphere in the school and that could, probably, have prevented the fact from happening.

Keywords: Pedagogical Managing. Bullying. Critical Analysis. 13 Reasons Why.

Introdução

O lançamento de *13 Reasons Why*, em 2017, “uma série de televisão americana, baseada no livro *Thirteen Reasons Why* (2007), de Jay Asher, e adaptado por Brian Yorkey para a Netflix” (THIRTEEN, 2018), causou grande polêmica por se tratar de uma série que, de certa forma, “coloca o dedo nas feridas” de muitas pessoas. A série trata de problemas relacionados com o clima existente em uma escola americana entre alunos, e entre alunos e professores, bem como traz problemas sérios, recorrentes em várias escolas. Problemas como o *bullying*, o assédio, o estupro e a depressão, vistos como tabus, na maioria das vezes, nem sequer são discutidos com os alunos.

Este artigo analisa a série sob a perspectiva dos gestores escolares (diretor e coordenador pedagógico) e dos professores, uma vez que cabe a eles cuidar do clima da escola e do bom relacionamento entre alunos e entre alunos e professores.

Sinopse da série

A série é uma obra de ficção, composta, até o presente momento, por duas temporadas, 2017 e 2018. Tem como foco principal o suicídio de Hannah, uma menina que, embora sofresse *bullying*³ e assédios constantes⁴, que a levaram a um caso visível de depressão, foi praticamente ignorada tanto pelos colegas e professores quanto pelos próprios pais.

³ “**Bullying** é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas. No Brasil, o *bullying* é traduzido como o ato de **bulir, tocar, bater, socar, zombar, tripudiar, ridicularizar**, colocar apelidos humilhantes etc. Essas são as práticas mais comuns. A violência é praticada por um ou mais indivíduos, com o objetivo de **intimidar, humilhar** ou **agredir** fisicamente a vítima” (SIGNIFICADOS, 2018).

⁴ “**Assédio** consiste numa **perseguição insistente e inconveniente que tem como alvo uma pessoa ou um grupo específico**, afetando a sua paz, dignidade e liberdade. Existem diferentes tipos de assédios, como o moral, sexual, psicológico, virtual, judicial, entre outros. No entanto, todos são baseados no princípio de perseguir e forçar alguém a fazer algo contra a sua vontade. O assédio visa provocar o desconforto do assediado, sendo que este pode desenvolver sérios traumas como consequência desse tipo de violência” (SIGNIFICADOS, 2018).

A primeira temporada é narrada por Hannah, após sua morte, por meio de 13 fitas cassete gravadas que contam os motivos que a levaram ao suicídio. Cada fita destaca um de seus colegas, muitos dos quais ela considerava como amigos, e as situações que acabaram por contribuir com o seu quadro de depressão. Alguns desses colegas, simplesmente pelo fato de excluírem-na ou de se afastarem dela por conta de boatos e desentendimentos; outros, por espalharem esses boatos e até episódios mais graves, como o estupro e o assédio.

Embora o foco da primeira temporada sejam as fitas, também é possível observar, na segunda temporada, outras situações que acabam por mostrar como a escola parece não ter aprendido nada com a tragédia que aconteceu. Vemos as situações de *bullying* bem presentes e alguns alunos sendo completamente ignorados, mesmo sendo visíveis os problemas que os cercam. Alguns desses alunos inclusive chegando ao extremo de também tentarem o suicídio ou de planejarem um tiroteio na escola.

Na primeira temporada, também fica clara a falta de diálogo na escola e como muitos dos professores, e até mesmo o coordenador pedagógico, parecem ignorar certas situações que são claramente sinais críticos, como um poema anônimo que, depois, se descobre ser de Hannah, falando sobre dar fim à própria vida. Além dessas situações, são mostrados inúmeros segredos mantidos ao longo da temporada. Em momento algum, os alunos buscam um diálogo ou pedem ajuda à escola. Isso só reforça a ideia de que a escola retratada na série não inspira confiança aos alunos nem seja aberta ao diálogo.

Na segunda temporada, assistimos ao julgamento da escola. Após todo o ocorrido, os pais de Hannah resolvem processar a escola, por julgarem-na responsável pelo suicídio cometido pela filha. Essa temporada mostra um pouco mais do passado de Hannah, dessa vez sem que ela seja a narradora, e sim cada uma das pessoas que é chamada a depor no tribunal.

Mais uma vez vemos como a escola não se faz presente na vida de seus alunos, pois, após o suicídio de Hannah e a tentativa de suicídio de Alex, a escola, em vez de criar um espaço de diálogo para cuidar da saúde psicológica de seus alunos, estabelece uma regra proibindo que se fale sobre o assunto. Vemos também o *bullying* e os assédios constantes e, dessa vez, alguns professores protegendo os

alunos que cometem esse tipo de infração, apenas pelo fato de fazerem parte do time da escola.

No julgamento, deparamos com uma série de mentiras e omissões que acabam por servir, apenas, para denegrir a imagem de Hannah, colocando o seu suicídio como se devesse a problemas pessoais, sem relação com as situações pelas quais passou na escola. Ao mesmo tempo que ocorre esse julgamento, a segunda temporada acompanha Tyler, outro aluno que começou a ganhar importância na primeira temporada.

A situação vivenciada por ele é quase a mesma de Hannah. Tyler, no entanto, reage de um jeito diferente, planejando um tiroteio na escola. Por diversas vezes, tanto os professores quanto o coordenador veem que ele está sofrendo agressões e *bullying*, mas ignoram a situação até que o garoto acaba por não aguentar mais e vai até ao baile da escola com um rifle. A tragédia é impedida por Clay e por Tony, no último minuto da série, encerrando-a.

Por fim, o que temos na segunda temporada é o relato de um aspecto da escola de educação básica americana, sem floreios ou finais felizes. A escola é inocentada de toda a responsabilidade e, pelo que pode ser observado, nada mudará: a escola continuará com seu ambiente opressor e sem diálogo, não havendo punições para os agressores. O coordenador pedagógico é substituído por outra coordenadora, que parece tão alheia às situações quanto ele o fora. O aluno que comete estupro, por pertencer a uma família de prestígio e ter o pai como pessoa influente, sofre uma pena mínima e ainda termina indo para uma faculdade renomada. Em outras palavras, a série retratou o que parece ser a realidade do que acontece na maioria dos casos: as vítimas continuam oprimidas e os agressores saem ilesos.

Contexto do *bullying* nos Estados Unidos

A série pode parecer, para muitos, polêmica, trazendo cenas estarrecedoras e chocantes, mas, infelizmente, o que traz nada mais é do que a realidade enfrentada pela maioria das crianças e adolescentes nos Estados Unidos. Como afirmam Smith e Brain (2000), praticamente todas as escolas americanas, sejam públicas ou privadas, sofrem com algum tipo de *bullying*, e cerca de 85% da população

americana adulta já foi vítima de *bullying* ou assédios em seu período escolar. Mesmo com esses dados alarmantes, ainda não existem ações efetivas para o combate ao *bullying*.

Neste ano, no dia 14 de março, ocorreu a marcha de Columbine, 20 anos depois do terrível massacre, em que dois adolescentes, depois de planejarem detalhadamente a ação, invadiram a escola em que estudaram, a *Columbine High School*, no estado do Colorado, nos Estados Unidos. Usando bombas e armas de fogo, dispararam tiros contra estudantes, professores e funcionários, deixando um saldo de 12 mortos e de 22 feridos, suicidando-se em seguida.

Segundo relatos, os estudantes Eric e Dylan eram alunos impopulares e vítimas de *bullying*. Pelo massacre ocorrido em Columbine, o mundo conheceu o *bullying*.

Essa marcha teve como lema “#NeverAgain and #NeverForget”, cuja tradução é #NuncaMais e #NuncaEsqueça. Infelizmente, o que parece é que esse lema está longe da verdade, uma vez que, de acordo com o *site* Tribe Live (CATO, 2018), desde o massacre de Columbine, já aconteceram 138 casos de tiroteios em escolas. Só em 2018 foram 18 casos. Todos foram causados por jovens entre 11 e 18 anos, com fortes indícios de que eles sofriam algum tipo de agressão, *bullying* ou assédio. Todos deram sinais de que realizariam um tiroteio na escola, no entanto, isso não foi percebido ou foi ignorado pelos professores, o que mostra que o lema da marcha, #NuncaMais e #NuncaEsqueça, está longe de ser verdade.

Na série analisada neste artigo, o personagem Tyler segue o mesmo padrão e, em vários momentos, demonstra sinais de que queria matar todos os colegas, seja por suas ações e suas falas, seja pelo seu gosto por armas. Equivale ao que vimos com Hannah, ao escrever um bilhete que, lido em sala, foi ignorado pela professora. É fácil pensar que o que aconteceu ali se trata apenas de uma série cinematográfica, de ficção e que, na vida real, isso não ocorreria. Contudo, ao olhar a situação dos adolescentes em Columbine, vemos que a realidade nas escolas é exatamente essa: mesmo que o aluno escreva com todas as palavras o que fará, os professores e a escola o ignoram.

Em “A Columbine Site”, é possível ter acesso a todos os textos escritos por Dylan Klebold e Eric Harris, os responsáveis pelo massacre. O que chama a atenção, nesses textos, é a falta de sensibilidade e de perspicácia tanto dos

professores quanto da gestão, visto que ambos os garotos escreveram textos em sua aula de literatura, fantasiando sobre tiroteios e sobre matar todos os colegas. No texto de Eric, a resposta da professora foi: “Você tem uma abordagem única sobre esses assuntos, talvez devesse ser menos gráfico nas descrições” e, no de Dylan: “Você é um ótimo escritor e contador de histórias”.

Ou seja, assim como o bilhete de Hannah e os sinais de Tyler, os dois foram ignorados pela escola e o assunto foi tratado como “coisa de adolescente”. O que é mais assustador nessa situação é saber que boa parte das escolas dos Estados Unidos trata a situação exatamente assim, como algo normal e corriqueiro, como é relatado por Smith e Brain (2000):

Dentro destas circunstâncias, acaba que a relação *bully*/vítima é vista como normal no sentido de que é rotineira e esperada. Contudo, normal nesse sentido não significa que ela é socialmente aceita. Novamente (como problema de definição), não existe uma concordância universal sobre esta última fala. Existe uma visão de que o *bullying* é um formador de caráter e uma parte necessária do crescimento. Um político sênior da Inglaterra foi recentemente marcado pela frase de que o *bullying* na escola nunca fez nenhum mal a ele e simplesmente foi uma preparação para a vida [The Guardian, 1996] (SMITH; BRAIN, 2000, p. 2).

Tal tipo de situação, associado a um favoritismo de certas classes dentro da escola, acaba por tornar a situação do *bullying*, nos Estados Unidos, algo muito pior que aqui no Brasil, por exemplo, onde existem várias políticas de inclusão, respeito às diferenças e programas de enturmação e convivência nas escolas. Essa falta de assistência aos alunos, a proteção aos “jogadores estrela” e a noção de que, desde que se tenha dinheiro, pode-se fazer tudo, faz com que as vítimas não procurem a escola para enfrentar seus problemas. A escola não se torna um ambiente propício para a conversa. Como é tratado por Heidrich (2009), um bom ambiente escolar é necessário para que se faça o aprendizado e, nesse caso, seja possível o diálogo dos alunos com a coordenação:

Está mais do que claro que o conceito de clima organizacional envolve uma infindável quantidade de relações humanas. Em qualquer ambiente profissional, o importante é que esses relacionamentos estejam baseados em atitudes éticas para que funcionem em favor da aprendizagem. A escola é o lugar social no qual as diferenças se manifestam. “Os gestores precisam entender que elas são parte do fazer educacional”, opina a coordenadora pedagógica Sarah Kopcak, mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (HEIDRICH, 2009, p. 109).

Com isso, temos como um papel fundamental da gestão escolar garantir o “bom clima” no ambiente escolar, o que não ocorre na escola objeto da análise deste texto. O diretor e o coordenador apenas ficam em suas salas ou gabinetes e parecem completamente alheios a tudo o que está ocorrendo na escola, até mesmo a boatos, listas, fotos, dentre outros tipos de assédio que ocorrem durante os períodos de aula e nos corredores da escola.

Papel dos gestores em *13 Reasons Why*

Na série, os gestores são tudo aquilo que se aprende na faculdade que um gestor não deve ser. Eles são totalmente alheios ao que ocorre nos corredores da escola. Assim também são os professores: passam-lhes despercebidos boatos, fotografias, fofocas, assédios e tudo mais que acontece com os estudantes, principalmente com as do sexo feminino, tanto dentro das salas de aula como nos corredores. Na série, há uma cena em que uma lista atribuindo notas às garotas é passada durante a aula de uma professora, que não toma nenhuma atitude, nem mesmo o coordenador, se é que ele tenha sido informado do episódio.

A mesma lista, com comentários maldosos de alunos, é mencionada nos corredores da escola e as alunas são assediadas, inclusive na frente da sala do coordenador, que não toma nenhuma providência contra os agressores. O orientador pedagógico, principalmente na primeira temporada, fica apenas em sua sala, esperando que alguém o procure. Para Toledo (2008), o bom gestor não deve ser alguém desconhecido pelos alunos e professores, que só aparece em momentos de ditar regras ou para resolver conflitos. Ele deve ser alguém presente o tempo todo, capaz de analisar pontos fortes e fracos da escola. Deve saber lidar com a diversidade de situações que se apresentem, e saber ouvir os alunos e os professores, sempre atento ao que acontece à sua volta.

O que ocorre em *13 Reasons Why* é exatamente o oposto do que se espera de um “bom gestor”. Apenas depois do suicídio de Hannah e da tentativa de suicídio de Alex, o coordenador, Mr. Porter, começa a observar o que ocorre à sua volta e a perceber como Hannah havia dado todos os sinais de que cometeria suicídio. No momento em que é comunicado pelo diretor de que estava sendo demitido, Porter passa a ele as fichas dos alunos mais problemáticos, alertando-o sobre a possibilidade de novos episódios. Contudo, o diretor adianta que não haveria

“próxima vez”, ignora completamente o *bullying* que está acontecendo com Tyler e, mesmo quando o aluno mostra sinais de mudança de comportamento, o que o diretor faz é encaminhá-lo para um programa de reorientação comportamental como punição, em vez de tentar ajudá-lo. Mais uma vez é possível observar uma grande semelhança da série com a vida real. Antes de realizar o massacre de Columbine, Eric Harris fora mandado para um curso de controle da raiva. De seu texto de formação no curso, extrai-se o seguinte fragmento:

“A aula de controle da raiva que eu tive foi útil em vários sentidos. Eu achei que os instrutores eram bem qualificados para esta classe e a turma não era grande. Eu aprendi várias coisas sobre como o álcool e as drogas levam à violência [...]. Eu sinto que todas as sugestões podem ser úteis [...]. Eu aprendi que milhares de sugestões ainda vão ser inúteis se você ainda acreditar na violência. Estou feliz em dizer que, com a ajuda dessa aula, e várias outras experiências de desvio, eu realmente quero tentar controlar minha raiva” (SHEPARD, 1999, tradução nossa)⁵.

É notável a semelhança entre o texto de Eric e a fala do personagem Tyler na série, logo após voltar do mesmo tipo de curso. Isso mostra como a série ficcional é baseada na realidade mais do que se imagina. E assim como ocorrido com Eric, o diretor da escola, Mr. Kevin, acaba por dar por encerrado o assunto, ignorando os abusos que o garoto está sofrendo. O fato de ele ter punido Tyler em vez de investigar o que estava acontecendo, acaba por fechar qualquer porta de comunicação que poderia ser criada.

Essa falta de comunicação é mais uma das falhas da gestão escolar da série. Segundo Vieira (2005), a comunicação na escola garante que as emoções contidas no ambiente escolar não saiam de controle, como foi o caso do que aconteceu com os três alunos que tomam medidas extremas:

A possibilidade de expor para o outro, em palavras ou em gestos, o que se sente reduz o efeito paralisador da emoção. Há, dessa forma, troca de valores como solidariedade, cooperação e respeito; e nessa troca, fortalecimento do sentimento de segurança no indivíduo. [...] Para tanto, torna-se importante fazerem parte do projeto pedagógico da escola encontros sistemáticos entre os professores e a coordenação, com o fim de

⁵ “The anger management class I took was helpful in many ways. I feel the instructors were well qualified for this class and the class size was not too big. I learned several things about drugs and alcohol contribute to violence [...]. I feel that all of the suggestions can all be helpful [...]. I have learned that thousands of suggestions are worthless if you still believe in violence. I am happy to say that with the help in this class, and several other diversion-related experiences, I do want to try to control my anger”.

Disponível em: <http://www.acolumbinesite.com/eric/writing/anger.gif>). Acesso em: 20 jun. 2018.

problematizar a prática e coletivamente expressar medos e angústias (VIEIRA, 2005, p. 91).

Na série, não vemos nenhum esforço, nem por parte da gestão nem dos professores, para abrir esse diálogo. Tanto os professores quanto os alunos não relatam para a coordenação o que está acontecendo na sala de aula e, em praticamente todas as situações, o que acontece dentro da escola passa despercebido, ou melhor, é ignorado. Até mesmo quando a mesma situação que aconteceu com Hannah quase se repete, a solução da gestão, em vez de propor conversas e dar mais atenção aos alunos, é simplesmente proibir que se fale do assunto. Ou seja, todas as portas de diálogo são fechadas entre a gestão e os alunos, e as emoções ficam mantidas em segredo até que explodam.

Outro aspecto que chama atenção com relação ao coordenador, nessa série, é a sua impotência diante dos superiores e do treinador do time da escola. Em diversos momentos, ele prefere se calar, receoso de represálias institucionais, a arriscar o próprio cargo para fazer o que é certo. Em vários momentos, ele vê que o time da escola é responsável pelo *bullying* e pelos assédios e, mesmo assim, se cala com medo de vir a ser alvo da estrutura hierárquica de poder – e esse temor que fica evidente na ficção estudada está presente na realidade das escolas. O mesmo ocorre quando ele não cria nenhum projeto para combater o *bullying*, dada a postura da direção da escola, como é abordado por Christov (2003):

Trata-se, obviamente, de uma relação de poder, com a direção ocupando cargo que a coloca em posição privilegiada para exercer domínio sobre os demais profissionais da escola e para atribuir funções e distribuir tarefas. [...] a direção, independentemente de compreender ou não o papel do coordenador como formador dos professores, apresenta perfil competitivo e autoritário o suficiente para desviar os profissionais de suas funções de acordo com necessidades não negociadas, colocando todos à sua disposição (CHRISTOV, 2003, p. 66-67).

O coordenador, Mr. Porter, praticamente abdica de sua função ao ignorar, simplesmente, o que acontece por medo de repressão ou do julgamento que o conselho da escola poderia fazer. Ele abandona os alunos em troca de favoritismos e procura, o tempo todo, evitar conflitos em vez de tentar resolvê-los. Talvez se ele tivesse tentado criar programas de combate ao *bullying* e começasse a punir os responsáveis, a situação não teria chegado ao ponto que chegou.

O que poderia ser diferente

Ao analisar a série sob a perspectiva da gestão, é possível identificar várias ações que poderiam ter sido assumidas pelos responsáveis e que poderiam ter salvado Hannah, Alex, Tyler e tantos outros alunos que foram afetados pelo descaso e pela incompetência dos gestores e do grupo de professores da escola. Essas ações poderiam consistir, inicialmente, como medida preventiva, na implementação de propostas educativas de combate ao *bullying* e ao assédio, com previsão de punição aos agressores, de forma exemplar, com tolerância zero, com o objetivo de inibir esse tipo de comportamento; incentivo à denúncia de situações constrangedoras; criação de grupos de ajuda; promoção de palestras, painéis e mesas-redondas sobre o assunto para pais, alunos e funcionários, a título de formação e tomada de consciência sobre problemas dessa ordem, suas características, seus desdobramentos e suas consequências.

Com medidas dessa ordem, listas atribuindo notas às meninas, fotografias impróprias, boatos e brigas já seriam muito mais difíceis de passar despercebidos. Cursos e palestras orientariam professores, pais e alunos que, mais imediatamente, poderiam agir, evitando que a situação saísse de controle.

Por último, o que mais falta na escola da série e que se torna extremamente necessário, em qualquer local de convivência entre pessoas, é o diálogo. A criação de grupos de apoio e de discussão e a promoção de palestras sobre *bullying*, assédio, estupro, sexualidade, diferença e inclusão fariam com que os alunos pudessem se identificar e saber que não estão sozinhos, tendo sempre com quem contar. As vítimas se reconheceriam como vítimas e seriam capazes de tentar mudar sua posição, se proclamar e pedir ajuda, em vez de guardar tudo para si, sofrendo, com vergonha dos boatos que poderão surgir ou da repressão que poderiam sofrer por terem denunciado. Como afirma Fante (2005, p. 16), “na maioria das vezes, as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias”.

13 Reasons Why e a legislação brasileira

Dada a proporção que o problema abordado na série cinematográfica vem ganhando nos nossos dias, em todo o mundo, impelido pela necessidade de conter certos comportamentos, o Brasil instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional, por meio da Lei nº 13.185, sancionada pela Presidenta Dilma Rousseff em 6 de novembro de 2015, definindo, no Art. 1º, *bullying* como

ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo, que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).

No Art. 2º, a lei caracteriza a existência de *bullying* quando se verificam atos de intimidação, humilhação ou discriminação, detalhando-os como

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias (BRASIL, 2015).

O parágrafo único desse artigo trata do *cyberbullying*, referindo-se ao uso da rede mundial de computadores com o objetivo de “depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial” (BRASIL, 2015).

Tudo aquilo a que assistimos no filme enquadra-se na nossa legislação, quando confrontamos o artigo 3º com as ações praticadas pelos estudantes contra as suas vítimas: insultos, difamações, calúnias, rumores, assédio e abuso sexual, intimidação, chantagem, agressões físicas, mensagens e fotos por meio virtual, com a intenção de promover constrangimento psicológico e social.

Quando analisamos as duas temporadas da série, fica evidente quão distante está a escola palco da trama, a quem competiria, conforme o Art. 4º, a prevenção e o combate à prática do *bullying*, a capacitação dos docentes e de toda a equipe

pedagógica, a implementação de campanhas de educação e conscientização, a orientação dos pais para identificarem vítimas e agressores, a promoção de assistência às vítimas e aos agressores.

Se a *Liberty High School*, a escola da ficção, fosse uma escola brasileira, não teria sido inocentada ou desresponsabilizada por aquele tribunal. Seria condenada com base no Art. 5º da Lei nº 13.185/2015: “É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*)” (BRASIL, 2015).

À guisa de conclusão, podemos afirmar que, observados nossos dispositivos legais, temos condições de assumir o lema da marcha de Columbine: “#NeverAgain and #NeverForget”, (#NuncaMais e #NuncaEsqueça).

Não é por falta de legislação e de informação, no entanto, que podemos ver afastada de nós, de nossas escolas, a ameaça de tragédias contra nossos filhos, nossas crianças, nossos estudantes! Em 2011, assistimos a uma tragédia semelhante à de Columbine: um ex-aluno de uma escola pública de Realengo, no Rio de Janeiro, entrou no colégio, matou 12 estudantes, suicidando-se, em seguida. Segundo se apurou, o assassino era vítima de *bullying* quando estudante, era alvo de intimidações, zombarias e provocações de colegas.

Infelizmente, esses episódios não estão apenas na ficção, nas produções cinematográficas. Com alguma frequência, têm ocupado espaço nos noticiários nacionais e internacionais.

Até quando vamos precisar conviver com cenas tão lastimáveis? Será que não somos competentes o suficiente para desenvolvermos um trabalho educativo focado no respeito ao outro e à diversidade? A quantas tragédias ainda vamos assistir, limitando-nos, apenas, a lamentar e a ficar estarecidos?

Referências

- ATIRADOR de Realengo sofria bullying no colégio. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/atirador-de-realengo-sofria-bullying-no-colegio-diz-ex-colega/> Acesso em: 15 jul. 2018.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.185 de 06 de novembro de 2015.** Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Diário Oficial da União, 09 nov. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 20 jun. 2018.
- CATO, Jason. **Here's a list of every school shooting over the past 50 years.** Tribe Live, 2018. Disponível em: <http://triblive.com/news/education/safety/13313060-74/heres-a-list-of-every-school-shooting-over-the-past-50-years>. Acesso em: 08/06/2018.
- CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. Garota interrompida: metáfora a ser enfrentada. PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola.** 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 61-70.
- CORDEIRO, Thiago. **Como foi o massacre de Columbine.** Disponível em: <http://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-o-massacre-de-columbine/> Acesso em: 15 jul. 2018.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying:** como prevenir a violência nas escolas. 2. ed. Campinas (SP): Verus, 2005.
- HEIDRICH, Gustavo. Ambiente saudável: administração de conflitos. **Revista Nova Escola**, Ed. Abril, ano 24, n. 227, nov. 2009, p. 108-109.
- MARRAN, Phellipe Böy. **Columbine:** o massacre que apresentou o Bullying ao mundo. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/columbine-massacre-bullying/> Acesso em: 15 jul. 2018.
- SHEPARD, C. **Journals and Diaries.** A Columbine Site. 1999. Disponível em: <<http://www.acolumbinesite.com/diary.php>> Acesso em: 08/06/2018.
- SIGNIFICADOS. Disponível em: <https://www.significados.com.br/assedio/>. Acesso em: 22 jul. 2018.
- SMITH, Peter K.; BRAIN, Paul. Bullying in schools: lessons from two decades. **Aggressive behavior**, v. 26, p. 1-9, 2000.
- THIRTEEN Reasons Why. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/13_Reasons_Why Acesso em: 22 jul. 2018.
- TOLEDO, Adriana. O líder que faz diferença. **Revista Nova Escola**, Ed. Abril, ano 23, n. 210, mar. 2008, p. 46-47.
- VIEIRA, Marli M. da Silva. O coordenador pedagógico e os sentimentos envolvidos no cotidiano. PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola.** 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 83-92.